



HOMENAGEM À BELGICA  
O REI ALBERTO I



Os monarchicos portugueses saudam o valente Rei dos belgas com a espada d'um dos mais brilhantes heroes de Portugal

## PODER ABSOLUTO

Deixou de fallar-se em politica interna. As opposições republicanas ensarilharam os *archotes* e os *cachões*; e este periodo eleitoral, que devia ser de vida ou de morte para os grupos interessados, decorre na mais doce paz... por causa da guerra.

Maravilhoso pretexto foi este conflicto europeu para os srs. Bernardino Machado e Affonso Costa, porque á falta d'uma *homérica* intenciona monarchica, nenhum outro seria capaz de dar tão desejados effeitos, Muita sorte! Muitissima sorte!

As eleições estão marcadas para 1 de novembro, e segundo os calculos mais auctorizados, a guerra não terminará antes do fim d'outubro.

Ora como vêem, é justamente o tempo necessario para o governo cozinhar livremente, de sociedade com os democraticos, o bolo eleitoral a que depois, em fraternal convivio hão-de chamar um figo.

Surgirão n'esta altura os protestos das opposições? Nem isso, apesar de que embora assim fôsse, já tarde viriam os seus tristes piares.

Mesmo que as hostilidades cessem antes das eleições, o periodo que se seguir ha-de, e com mais razão do que actualmente, ser invocado pelo sr. Bernardino Machado como o momento mais precisado de serenidade entre todos.

Veremos se assim não é, como igualmente hemos de vêr o governo não largar a dictadura que as opposições lhe constaram se não quando o novo Congresso fabricado pelos srs. Bernardino Machado e Affonso Costa, abrir. Só então, e quando os dois julgarem opportuno fazel'o, porque o decreto discricionario auctorisa o ministerio a esfarrapar a Constituição e todos as Leis, durante um periodo não fixado e que portanto tem uma duração illimitada, o sr. Bernardino Machado com a entrada para para Belem já perfeitamente assegurada e o sr. Affonso Costa com a maioria parlamentar no papo, annunciarão ao Paiz que... *passou o perigo*, e que é permittido aos *vasallos* voltarem aos seus inoffensivos e platonicos protestos.

Mas — dirão os leitores ponderados — podiam as opposições republicanas continuar n'este momento em lucta com o governo? Não. Mas uma coisa é não crear dificuldades ao governo, que por qualquer fórma possam influir na nossa situação internacional, e outra coisa é dár cavallaria ao governo para servir a sua politica nacional. E porque entre uma e outra attitude ha um abysmo de distancia, tão promptos estamos a servir a primeira como a não servir a segunda.

Nunca, por principio algum, as opposições, que devem representar sempre uma força fiscalisadora, deviam ter consentido (quanto mais approved!) o decreto que tornou o governo *poder absoluto por tempo illimitado e sem qualquer restricção*.

Por mais grave que fôsse a situação (e mais grave não poderia ser do que estarmos em guerra e *não estarmos*) o Congresso devia despojar-se dos seus direitos depondo-os na mão d'um ministerio que, não sendo nacional, nem ao menos é reconhecido pelas opposições, como extra-partidario.

Na Inglaterra que está em *pé de guerra*; na Inglaterra que está no *centro da conflagração*; na Inglaterra de quem *somos aliados*; o parlamento funciona, indo ali o goverao todos os dias dar explicações ao seu Paiz, do que faz.

E' certo que todas as questões nacionaes e todas as divisões partidarias desappareceram e que só o pensamento patriótico domina todos os espiritos entre os modelares politicos da Grã-Bretanha. Mas porque não havia de dár-se o mesmo entre nós *ao menos* n'este momento?

Não se julgam os nossos parlamentares com tacto para tanto?

Triste confissão de desastrosas consequencias, que hão-de ter por epilogo um doloroso carpir na cama... que é parte quente...

## Saenz Peña



Nunca lamentei tanto a deficiencia do meu poder de expressão, como agora, ao ter que desempenhar-me do honrosissimo dever de prestar culto á memoria do Dr. Saenz Peña, e ter de enaltecer a grandeza d'essa nobre figura que desaparece da terra Argentina para apparecer vinculada na historia Universal.

Por isso, deixando a outros mais competentes a alta e nobre missão de escrever a sua historia, limitar-me-hei a dizer o que sinto, já que não sei, como eu queria, dizer o que penso.

Durante a minha estada em Buenos Ayres, foram tres as notas que mais contribuíram para firmar em mim, e para sempre, a grande e respeitosa admiração que por elle sentia, e a immensa magua que a sua morte veio acrescentar a esses sentimentos.

Em Buenos Ayres, o elemento official, e toda a gente que, por qualquer motivo se lhe dirigia, tratava-o por *Presidente de la Nacion*; — era isto o cumprimento d'um desejo expresso por elle quando assumiu o poder, para, dizia não offender os sentimentos politicos de ninguém. Por isso, na impoñencia do seu funeral, predominou o coração por sobre as praxes, e a saudade de todos por sobre o credo politico de cada um.

Nunca poderei esquecer a delicadeza extrema com que Sua Excellencia me atendeu, quando, na minha qualidade de monarchico, que me honro de ser, a elle me diri com uma carta de apresentação do Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Manuel II.

«Aviseme cuando tenga organizada su exposicion, (disse-me). «Deseo inaugurar-la. Tengo el mayor empeño, y ahora «com doble motivo, en ser agradable a Su Magestad El-Rei D. «Manuel, de quien guardo los mejores recuerdos, e a Su Magestad la Reina D. Amelia a cuyas altas virtudes rindo el «entranhable y cariñoso culto que merece».

Outra coisa que me impressionou, foi uma phrase que andava na bocca de todos os americanos do sul, proferida por Saenz Peña quando, ao voltar da Europa, a commissão da Argentina, desembarcou no Rio de Janeiro:

«Todo nos une, nada nos separa».

Foi na execução de todo o programma de pacificação que

essa phrase comprehendia, que Saenz Peña morreu. Deixemos por um momento, de ouvir esse troar horrendo de canhões, lamentos e maldições, echo d'uma civilização fallida, para nos transportar-mos á America do Sul.

E' alli, hoje em dia, que qualquer ser humano pode, sem desdouro para as suas convicções, prestar a ultima homenagem a um grande Chefe de Estado que morreu com a consciencia tranquilla por ter cumprido o que promettera.

No dia de amanhã, quando a velha Europa não puder ler as tristes paginas da historia d'estes tempos, por estarem tinctas de sangue, os povos da America do Sul ao folhearem a sua, depararão com esse lemma humanitario que o Dr. Saens Peña começou e acabou o seu governo:

«Todo nos une, nada nos separa».

JORGE COLAÇO.

## ATENÇÃO

Saibam todos quantos lerem  
Estes dizeres ominosos,  
Que já está posto á venda  
No Paiz dos luminosos.

— POR —

### E. Severim de Azevedo (Crispim)

Um volume de 300 paginas — (Segunda serie de criticas humoristicas sobre a politica portugueza) — Preço 800 réis — Em todas as livrarias.

## LIBERDADE D'IMPRESA

As violencias que o governo do mais cordeal dos capoeiras tem exercido sobre a imprensa monarchica, por intermediação dos esbirros, são intoleraveis. Todas as apprehensões, alem de demonstrarem um completo desprezo pela propria Constituição republicana, *que tal não permite*, tem sido ordenadas apenas para fazer acreditar que os jornaes monarchicos publicam materia menos conforme com os interesses da Patria o que representa um vilissimo *truc* partidario. Bem sabemos que de nada serve protestar, porque estamos vivendo sob o regimen do absolutismo pessoal, mas registando mais uma vez o revoltante facto, affirmamos de novo aos nossos illustres e prezados collegas attingidos, a nossa maior consideração e completa solidariedade.

## COMMOVENTE

Foi muito commovente a cerimonia da posse do sr. Xavier de Brito, como Almirante em chefe da esquadra portugueza. Assistiu o sr. ministro da marinha e toda a officialidade superior da Armada, fardada de grande uniforme, acompanhando este luzido cortejo o sr. Almirante até á ponte do Arsenal onde o sr. Neuparth fez um eloquente discurso alludindo ás descobertas portuguezas, invocando Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral e terminando por abraçar o sr. Xavier de Brito dizendo com a voz entrecortada pela commoção:

— Sr. Almirante em chefe da esquadra portugueza: A Patria honrae que a Patria vos contemp!al

N'este momento todos fizeram a continencia; as fardas brilharam aos raios do sol, e o sr. Almirante com os olhos marejados, dirigiu-se para bordo do cruzador *Vasco da Gama* que depois de salvar como manda a ordenança, fez-se ao largo.

Na ponte do Arsenal todos os olhares o acompanharam, arfando os peitos com violencia. E lá longe, no meio do rio, o *Vasco da Gama* seguido do *D. Carlos* e do torpedeiro n.º 2 marchou... para o oeste da torre de Belem, atracando á boia.

Então, o sr. Almirante voltou para terra n'um escaler, desembarcando em Pedrouços, a fim de ir a casa despir o grande uniforme, aproveitando o electrico da Pampulha.

Estava finda a commovente cerimonia.

## POLITICA INGLEZA

### Entrevista com o Czar portuguez

A situação de Portugal como aliado da Inglaterra, chamou as attentões de todo o Paiz n'este momento de conflagração europea para o que se passa na poderosa e modelar nação da Gre-Bretanha. Resolvemos por isso trocar algumas impressões a este respeito com o sr. Bernardino Machado.

— Que nos diz V. Ex.ª da nobilissima attitude dos partidos politicos inglezes, todos unidos no mesmo sentimento patriotico? — começamos nós depois de cumprimentar o mais cordeal dos capoeiras.

S. Ex.ª sorriu e conservou-se em prudente silencio.

— Os mais distanciados homens publicos da Inglaterra — continuamos nós, — pondo de parte as divisões partidarias, encontram-se em volta do governo, dando-lhe o seu apoio. Mas se assim procedem, nenhum d'elles pratica uma incoherencia menos digna, porque os politicos inglezes respeitam-se mutuamente não creando abysmos que só a falta de vergonha pode transpôr. Não é verdade?

O nosso Czar encolheu os hombros com signal de indifferença, e nós proseguimos.

— Sim, porque a verdade é esta: nenhum partido da politica ingleza denominou jámais outro partido de *partido dos escandalos*, nem accusou o chefe de roubalheiras e traficancias da peor especie.

O sr. Bernardino, continuou silencioso.

— Nem nunca em Inglaterra se viu — insistimos ainda nós — os chefes politicos desqualificarem-se uns aos outros de não terem honra, imputando-se mutuamente a responsabilidade de crimes que vão desde o roubo ao assassinato. Ora, sendo assim, comprehende-se a sua attitude, porque as incompatibilidades de principios podem cessar, sem quebra de dignidade, o que já não acontece com a incompatibilidade de caracter. Não acha V. Ex.ª?

Sempre silencioso e indifferente, o sr. Bernardino tornou a sorrir mostrando um completo desprezo por estas insignificancias.

— E que nos diz á ordem dada pelo Almirantado inglez sobre a prece religiosa?

— Qual prece? retorquiu-nos logo o chefe do governo, picado pela curiosidade.

— Aquella prece feita expressamente pelos padres inglezes e que o Almirantado ordenou que fosse rezada todas as noites á mesma hora em todos os navios e por todos os maridheiros e officiaes, rogando a Deus a sua protecção. Não sabe?

— Ah! sim, li nos jornaes inglezes. Olhe meu cordeal amigo: isso só prova que, apezar da Inglaterra ser um paiz civilizado, não chega á republica portugueza. Tenha a certeza d'isso. E dando tres estalinhos com a lingua, concluiu alegre.

— Por mais que façam, á nossa civilização é que ninguém chega. Estão ainda muito atrazados...

— Graças a Deus para elles — ajuntámos nós finalizando a conversa.

## SEM CURSO NEM CONCURSO

Uma senhora alemã, esmeradamente educada em Berlim, casou com um portuguez e fixou a sua residencia em Lisboa, dedicando-se ao ensino da sua lingua, da ingleza e da franceza.

Um filho d'esta senhora, matriculado n'um dos lyceus da capital no anno lectivo findo, fartou-se de apanhar más notas em alemão, apezar do cuidado com que ella o dirigia e auxiliava no estudo d'esta disciplina. Naturalmente intrigada, resolveu-se a ir pessoalmente informar-se do motivo do que lhe parecia estranho.

Procurou o professor respectivo e, como era natural, foi em alemão que se lhe dirigiu, o que o fez empalidecer e emudecer. Fallou-lhe em seguida em inglez, não conseguindo perceber-lhe a menor alteração no estado d'alma. Ainda fez uma terceira tentativa fallando-lhe em francez, mas o mesmo significativo mutismo continuou mantendo o discreto professor. Recorreu, por fim, ao portuguez, e só assim poudo fazer-se comprehender! O interpellado respondeu então que o alumno tinha más notas por estudar pouco e não conhecer a lingua!...

Este professor da lingua alemã que fica... *grego* quando se lhe falla em alemão, que mostra ignorar o inglez e que até ao francez não sabe responder, será um dos *felizardos* para quem foi sobrescriptada a emenda Thomaz da Fonseca.

### Usem a Agua do Mouchão da Povoá

No tratamento das doenças de pelle.

# A GUERRA!

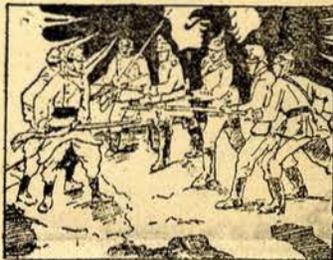


# FRANÇA E ALLEMANHA

Graphicos estatísticos — A vida de duas nações

A grande conflagração europeia, dá inegavel actualidade a um suggestivo estudo publicado ha pouco sob o titulo *La Patrie est en danger* pela «Sociedade de Propaganda a favor do Aumento da População Franceza» de Paris.

Abre o interessante folheto por este chromo artistico de-baixo do qual se lê a seguinte conclusão: *por cada vez que nascem em França 2 futuros soldados, nascem na Allemanha 5.*



DOIS CONTRA CINCO

a Allemanha não passava de 35.300.000.

Pois a população allemã excede hoje em 27 milhões a de França; contando a primeira 67 e a segunda 40, apenas.

Ao mesmo tempo que tem diminuido, n'uma escala fatal, desde 1885 até hoje, o numero de matrimonios francezes diminuiu tambem e naturalmente o numero de nascimentos.

Seguindo a proporção nos mesmos termos, em pouco tempo, terá baixado, em França, de 311.000 a 160.000 o numero dos matrimonios e de 924.000 a 480.000 o de nascimentos.

Comparados estes numeros com os da Allemanha, chega-se ao seguint resultado:



POPULAÇÃO DA FRANÇA E DA ALLEMANHA EM 1885

## Nascimentos

Allemanha, em 1884 .....	1.202.000
França em 1841 .....	976.000
Allemanha, em 1911 .....	1.870.000
França .....	742.000

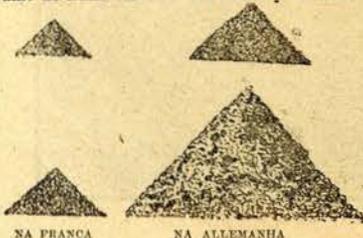
O numero de nascimentos em França decresceu pois de 1859 na proporção de 27 %.

Com estes dados que são bem expressivos, damos os seguintes, relativos à riqueza da França de hontem e de hoje:

A França consumia em 1885, 29 milhões de toneladas de huila, e a Allemanha 67 apenas.

Hoje, a Allemanha consume 218 milhões de toneladas e a França não passa de 59 milhões.

Consumo de huila em 1885 e 1911 respectivamente

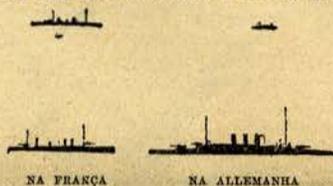


A marinha de guerra e a mercante offerecem tambem differencias notaveis nos dois paizes.

A marinha de guerra franceza, em 1892 não contando com os navios lançados ao mar nos 16 annos anteriores, sommava 283.000 tonelladas e a da Allemanha 122.000.

Em 1913 a tonelagem total da marinha de guerra franceza era apenas de 498.000, enquanto que a da Allemanha attingia a enorme cifra de 887.000 toneladas.

Marinha de guerra nos annos de 1893 e 1913 respectivamente



E' egualmente muito visivel a differença de augmento na marinha mercante dos dois paizes.

A da França era representada em 1892 por 477.000 toneladas e a Allemanha por 773.000. Em 1912 a da França chegou a 947.000 toneladas e a da Allemanha a 2.562.000.

Os, seguintes graphicos dão a ideia d'essas differenças.

Marinha mercante nos annos de 1892 e 1912 respectivamente

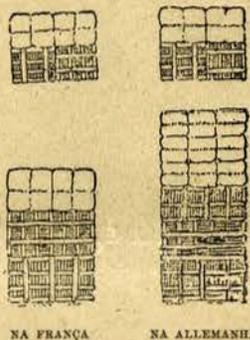


Por ultimo, o commercio exterior da França e da Allemanha nos 20 annos de 1891 a 1911, apresenta as seguintes differenças:

Na França, o anno de 1891 foi de 8.300 milhões de francos e na Allemanha de 9.100.

Em 1911 o de França subiu a 14.100 milhões e o da Allemanha a 22.200.

Comercio exterior nos annos de 1891 e 1913 respectivamente



Como se vê, estes dados são bem eloquentes; e as suas causas de facilissima investigação.

Tirada a religião de todas as manifestações do Estado e sobre tudo da escola, a corrupção e a immoralidade destruíram rapidamente a familia e com ella prepararam o suicidio lento, mas fatal, da nação; suicidio que se revela dia a dia mais estrangulador e de mais inevitaveis consequencias.

## ACUDAM-LHES

O governo francez resolveu reorganisar o quadro dos capellães militares e fazer a sua distribuição pelos regimentos e navios de guerra.

Que falta fazem em França uns *coroneis lopes* e *fulanos vieiras* para obrigar aquelles *thalassas* a pensarem livremente.

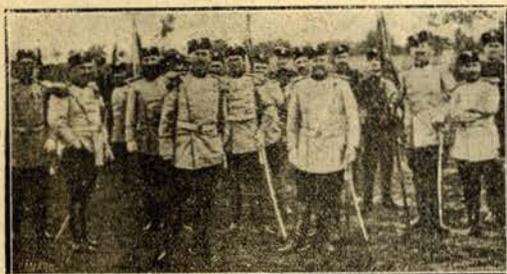
## REPORTAGEM DA GUERRA



Cavallaria servia marchando ao encontro das forças austriacas



Infantaria servia guardando um comboio de guerra



Um grupo de officiaes servios em campanha

## O sr. Bernardino Machado nunca existiu

Por **CRISPIM**2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

A' venda em todas as livrarias e principaes tabacarias — **100 réis, — Deposito:** Administração d'O Thalassa, Rua da Rosa, 162, 1.º, D.

## TERRA DE REACCIONARIOS

O grupo republicano *Pro Patria*, está organisando um batalhão voluntario para ir combater na Belgica.

Muito bem. Mas a primeira coisa que deve fazer é ensinar o cathecismo aos voluntarios, porque o livre-pensadeirismo, na Belgica, não tem circulação.

Essa nação modelar que está causando a admiração do mundo inteiro, *tem no poder ha vinte annos, o partido catholico!* Que *jasuitada* não é verdade?

## Theatros

**APOLO** — Quem vae ver a *A Casa de Suzana* tem a certeza absoluta que durante tres horas ri constantemente. E' o melhor e mais alegre espectáculo da actualidade e assim o comprehendem o publico que todas as noites enche, por completo o elegante theatro.

**COLYSEU DOS RECREIOS** — Continua sendo o acontecimento artistico da estação, a incomparavel companhia Garamba a mais completa indubitavelmente de quantas teem vindo a Portugal. O elegante Colyseu enche-se todas as noites, não obstante as suas enormes dimensões, o que por si só, explica o extraordinario interesse que os espectaculos da deslumbrante companhia estão despertando. Para hoje está annunciada a festa artistica de Maria Ivanisi, uma cantora de merito inegavel a quem o publico de Lisboa já estima como se estimam todos os verdadeiros talentos as genuinas culturas da Arte.

## Animatographos

Os melhores e melhor frequentados:

**Terrasse** — Rua Antonio Maria Cardoso — **Olympia** — Rua dos Condes — **Salão da Trindade** — Rua da Trindade — **Central** — Praça dos Restauradores.

# O Rei Jorge V d'Inglaterra



O Rei d'Inglaterra acompanhado do general Kitchener